



# O reinado da escrita

“Escrever é lembrar”

F. Mauriac

**L**er e escrever são atividades recentes na história da humanidade. Dizem os cientistas que existimos, como espécie, há cerca de um milhão de anos e a História, que nasceu com a escrita, tem apenas cinco mil e poucos anos - uma criança, por esses padrões universais.

Isso evidencia a extraordinária importância da escrita para a humanidade. Antes dela, existiam os fatos e as ações, mas a História não existia... O conhecimento se transmitia, de uma geração às seguintes, através de relatos verbais e o que podia ser transmitido desse modo era estritamente limitado.

Imaginemos que, sem a possibilidade de "estocar" conhecimento, também se tomam inviáveis as ideias de evolução e de desenvolvimento. Com informações limitadas às memórias dos seus poucos sábios, as sociedades antigas precisavam sempre recomeçar quase do zero - pois não tinham como construir novas ideias sobre ideias anteriores.

O advento da escrita - que se iniciou fendida por cunhas no barro cru - progrediu e ficou portátil. Com a leveza da pintura nos papiros, explodindo com o engenho industrial dos tipos móveis e da linha de montagem da Europa renascentista, possibilitou-se a guarda do conhecimento, de forma que cada geração pudesse consultar tudo o que as gerações anteriores haviam pensado, deduzido ou intuído.

William Shirer, autor de "Ascensão e Queda do 3º Reich", tornou famosa a frase de George Santayana, colocando-a na capa de seu best-seller: "Os que não lembram do passado estão condenados a repeti-lo". Infelizmente, não são muitos os setores da atividade

pensante em que as lições do passado foram, de fato, aprendidas. Isso ocorreu com mais regularidade nas ciências. Nenhum matemático ignora as descobertas de Aristóteles ou as equações de Newton, não há médico que desconheça os antibióticos, pintor que queira repintar a Mona Lisa ou músico a recompor O Anel do Nibelungo... Nas outras atividades, contudo, no campo das ciências sociais - na política, em especial -, mas também nas atividades de comunicação (pontificando aí o jornalismo) ou no direito, com especial ênfase nas práticas legislativas e penais, o escopo e a natureza das preocupações contemporâneas - presentes nos órgãos de comunicação diária - dão-nos sempre a impressão de que o passado não existe. De que nunca viveram, nem nada escreveram Platão, Kant, Rousseau, Spinoza, Molière, Nietzsche, Locke, Stuart Mill ou mesmo nossos José Bonifácio, Lima Barreto ou Monteiro Lobato. Tem-se a impressão de que nos criamos seres sociais disformes: tecnológica e esteticamente desenvolvidos, porém, dotados de diminuta consciência crítica e, conseqüentemente, ética.

Traz-nos uma esperança, contudo, a grande rede que, hoje, une o planeta e permite as consultas e trocas de informações instantâneas. E nela segue, indisputado, o reinado da escrita (e da leitura): principal meio de comunicação dos bilhões de humanos que observam e registram online as bases do saber futuro.

